

# A Simbólica dos Impérios do Divino

Nereu do Vale Pereira\*

## 1. ASPECTOS INICIAIS

**C**onteúdo, enredo, significado, difusão, organização, crenças, costumes, contestações, censuras, devoção, fé... existentes em relação às festas da religiosidade popular, denominadas de IMPÉRIOS DO DIVINO, ou Festas do Espírito Santo, Festa da Coroação, Folias do Divino, passam necessariamente pelo imaginário. E se configuram, no trazê-los ao concreto capaz de alcançar o povo, nas formas materiais do que se poderia denominar de SIMBÓLICA. Muitos são os estudos já produzidos sobre a SIMBÓLICA do Espírito Santo, porém somente editados na Europa e, particularmente, na sua maioria, nos Açores.

As Festas do Espírito Santo, que se realizam na Ilha de Santa Catarina e se estendem por toda a Arquidiocese de Florianópolis, nas regiões de colonização portuguesa, são heranças culturais do elemento açoriano que para cá começa a vir em 1748, portanto há 250 anos, constituindo-se em um grande contributo de fé em Deus, posta em prática dentro da Igreja Católica Apostólica Romana.

Por isso, quando se deseja entender um pouco mais sobre toda essa simbólica, é fonte básica a bibliografia que a respeito existe, e em profusão, nas bibliotecas e livrarias das várias ilhas implantadas no meio do Atlântico Norte, onde o conjunto do Arquipélago dos Açores é lembrado como vestígio da lendária "Atlântida".

Tenho consultado mais que duas dezenas de obras, e mais uma profusão de artigos especializados, especialmente os divulgados através dos "Boletins do Instituto Histórico da Terceira, e das "Actas" (Anais) de Congressos e Colóquios Internacionais sobre a temática, que lá se realizaram.

Nessas consultas verifiquei que, desde os mais remotos tempos, a partir do povoamento das ilhas açorianas, isto em 1432, não só as Festas do Espírito Santo passam a ser a mais importante e mais difundida manifestação comunitária de religiosidade popular, como também têm-se constituído em fonte permanente de estudos onde a história, vida, cultura e fé dos açorianos são postas em evidência e analisadas com carinho.

José Leite de Vasconcelos, famoso etnógrafo açoriano, é um dos que mais teria escrito sobre a temática do "PARACLETO nas festividades açorianas". Outros destacados estudiosos, como Carreiro da Costa, Gaspar Frutuoso, Luís da Silva Ribeiro, Luís Bernardo Leite D'Athayde, Victorino Nemésio, Natália Correria, Teófilo Braga, Armando Cortes Rodrigues, Padre Manuel de Azevedo Cunha, Urbano de Mendonça Dias e, mais recentemente, Rui Souza Martins, Agostinho Silva (este com passagens pela UFSC), Maria Conceição Vilhena, Maria Beatriz Rocha Trindade, Francisco Ernesto de Oliveira Martins, Antônio Machado Pires, Marcelino Lima, José de Almeida Pavão, e outros, foram autores por nós consultados.

Além desses, consultamos também alguns trabalhos editados na França, Alemanha, e cá no Brasil.

## 2. ASPECTOS DA FESTA

De pronto é oportuno destacar que em todas as freguesias, vilas, cidades e até bairros dos Açores acontecem, como cá, entre maio e outubro, os "Impérios do Divino", dos quais toda a população local deve, por obrigação institucionalizada, participar. Será "um sacrilégio" e um risco de perda da proteção do Espírito Santo, não ir à festa. Há, inclusive, competição, emulação e rivalidades entre as comunidades para saber-se em qual delas houve a melhor festa, que teve não só um brilho popular como foi uma manifestação pública de fé no Espírito Santo.

Não existe total similitude entre todas as festas realizadas, tanto em Portugal quanto no Brasil nas mais diversas regiões. Variam o enredo e os momentos, mas a simbólica será sempre a mesma, pois é ela que identifica sua própria razão.

De um modo mais generalizado, é possível destacar os seguintes momentos centrais: 1 - A Bandeira Peditória passa de casa em casa, anunciando a festa, coletando donativos e fazendo orações. Acompanham-na os "Foliões" (Grupo de Cantores); 2 - As Novenas, em determinados "quarteirões", previamente definidos, em casas mais amplas, onde são armados altares alusivos à simbólica, e que são rezadas por "Noveneiros" leigos e tradicionais; 3 - Os cortejos de bodos, de carros de bois, de bandas musicais, da Irmandade do Divino e

dos componentes da "família imperial", com o "Imperador" a ser coroado; 4 - A Coroação, ou as coroações (há lugares que coroa mais de um Imperador), geralmente durante a Santa Missa da Festa; e 5 - Os festejos populares, com a distribuição de bodos e inúmeras diversões.

No contexto geral, percebe-se que as Festas do Divino respondem às seguintes funções :

a) Culto ao Divino Espírito Santo Paráclito, tido como protetor contra todas as adversidades. Nos Açores, são estas muito evidentes, onde o vulcanismo e os "terramotos" ou abalos sísmicos são freqüentes, colocando a população em constantes preocupações e sobressaltos. Há também a necessidade de se fazer pedidos de forças ao Espírito Santo, habilitando-se aos Sete Dons, diante de todas as circunstâncias da vida.

b) O exercício da caridade. A Festa do Divino é especial momento onde se deve dar "pão a quem tem fome e água a quem tem sede". Momento onde a riqueza deve ser repartida. São os "bodos". Levam-se reses para serem abatidas e distribuir-se sua carne (os touros que serviram para touradas durante a festa, serão abatidos também); levar vacas, ordenhá-las e distribuir-se o leite ; distribuir o vinho, fazer grandes refeições comunitárias; fornecer-se grandes quantidades de pães e distribuí-los... tudo é caridade distributiva!

c) Momentos coletivos e individuais de orações, com pedidos e agradecimentos por graças recebidas, como curas, acertos familiares, educação dos filhos, êxitos nas colheitas e pescarias etc.

d) Páscoa comunitária, com a Santa Missa da Coroação do Imperador. É um momento de reconhecimento da autoridade plena de Deus e do qual, pelo Espírito Santo, procedem todos os poderes das autoridades seculares, sujeitas à vontade de Deus. Esta é a ocasião da única Missa anual, para muitos.

e) A lúdica. É um gostoso e salutar encontro comunitário de diversão, conversas, rever amigos e parentes que estavam distantes, e lá se vão as festas de barraquinhas, parques, musicas, bailes e folclore, jogos, sortes, disputas, brigas (porque não?). É, inclusive, o melhor momento para as tauromaquias (às vezes condenadas por bulas dos Bispos), como a folia - hoje "farra do boi" entre nós.

### 3. AS INSÍGNIAS DA FESTA

Não pode haver a menor dúvida de que o centro, a mística da festa, é o Espírito Santo Paráclito e seus "Sete Dons". Sua representação básica e única, a "SIMBÓLICA", é uma pombinha branca, a "*colombe de saint Esprit*", descendo suavemente sobre a quem proteger.

Porém, para que todas as funções da festa sejam materializadas, requer-se um grande conjunto de alfaias e, por outro lado, uma instituição e um ambiente. A instituição vem com as irmandades do Divino Espírito Santo, e seu local é o "Império", isto é, uma estrutura material. Geralmente, um prédio de arquitetura característica específica, construído fora da capela ou igreja, quase sempre próximo a ela, uma vez que se trata de festa essencialmente leiga, às vezes tomada como profana. Comunidades há onde não se tem capela, mas não pode faltar o "Império".

Na organização e funcionamento da festa se faz necessária a presença de um "Imperador" - hoje, "casal Imperador" - e a comissão de "mordomos" e "juizes".

As demais alfaias, como a coroa, bandeiras, cetro, salva e material de decoração e motivação complementar, giram todas em torno da simbólica. Alguns estudiosos afirmam que a simbólica principal não é a pombinha, porém a coroa, que ostenta em seu cume a pombinha.

A pombinha branca, em posição de descida para pouso, é não só a simbólica popular mas, a partir da sua aparição no Batismo de Jesus, é a simbólica dominante na liturgia católica, e cristã de um modo geral.

### 4. A SIMBÓLICA DO ESPÍRITO SANTO

Como vimos no capítulo anterior, o símbolo efetivo do Espírito Santo é constituído por uma pombinha branca em posição de descida para pouso, com asas semi recolhidas e, segundo os defensores das formas mais tradicionais, quase coladas ao corpo.

O ser humano tem um "seu íntimo". O seu inconsciente enigmático, que nos mais diversos aspectos lhe é inato. Talvez a marca fundamental da sua natureza. Um impulso não explicável pela razão. É o incógnito, a busca permanente da alma, o destino da sua natureza existencial. Quem sabe se não é por isso que realiza esforços para sublimar ou identificar, em outros seres vivos do reino animal, o imaginário do cotidiano.

Dentre os animais utilizados na mitologia humana aparecem com freqüência o boi ou touro, o leão, a ovelha ou cordeiro, aves como a águia, o galo, a pomba, e nos peixes a baleia ou somente seu genérico, peixes, e nos invertebrados a serpente.

A mítica, e mística, em relação a esses animais, é complexa e contraditória. Às vezes o mesmo animal destina-se ao profano e ao sagrado. Ao mortal e ao imortal; ao infinito-espiritual e ao mortal-temporal, às divindades e às potencialidades humanas. É bastante comum o mesmo animal ser tomado em duplo sentido, como por exemplo o touro, no minotauro; e o boi e a vaca no presépio ... O Touro é a simbólica de São Lucas, mas o é também da idolatria e da apostasia. É também a força, a experiência, a mansidão, a docilida-

de para o trabalho, e a violência nas tauromaquias; a virilidade e a fertilidade etc. etc.

Nas festividades e práticas religiosas, e em todas as suas variantes, o touro vai aparecer também como instrumento para fortalecer a fé e a lúdica. São, como já o disse Pascal, as razões humanas, que a própria razão não consegue explicar.

Tal vai se passar com o leão de São Marcos; com o galo da meia-noite do Natal ou o galo de São Pedro, o galo que vai caracterizar a rosa dos ventos e a olhar das torres das igrejas por todas as cidades e vilas; o cordeiro como símbolo da pureza, do sacrifício cruento, da docilidade e submissão; a ovelha, no sentido de seguir os caminhos sob o comando do Bom Pastor; o urso e a mítica da traição etc. etc.

No que concerne à pomba, quase sempre empregada no diminutivo para se extrair o sentido vulgar e popular ligado à sensualidade feminina, como "pombinha", ao que me coube apurar, vem de longe, integra a mitologia, e sempre foi tomada como identificadora da vida, da paz e da bondade, dos dons do Criador à criatura, dos deuses aos seus seguidores.

Não é sem razão que Noé foi buscar, na pomba, o indício para conhecer, após o dilúvio, que havia a vida e ainda haveria ambiente para mantê-la (Gn 8,8-12). Por isso, a pombinha tem a cor branca em suas penas. O branco, que asperge tranquilidade, calma, fusão de todas as cores e raças, e representa uma única bondade, a bondade do amor.

A pomba que desce é, também, uma forma de expressar a "inoculação", nos homens, da vida de Deus, o que ocorreu sobremaneira na encarnação do Verbo, quando o Espírito fecundou Maria. Assim também, no batismo de Jesus, Deus Pai revela sua vida, força, graça e presença, através da figura "em forma de pomba", que "desceu e permaneceu sobre ele"... (cf Mt.3,16; Mc 1,10; Lc 3,22 e Jo 1,32).

É com o sentido de vida e suavidade que o Espírito Santo de Deus, uma construção abstrata para a o ser humano, é visualizado pela figura de uma pomba. E não é só a vida, mas a paz, a força do Espírito que atua com e pelos homens. *Não vos preocupeis, porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela hora, o que deveis dizer (Lc 12,11-12). Porque não sereis vós que falareis, mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós (Mt 10,20).*

## 5. ACHEGAS SOBRE A SIMBÓLICA POPULAR

Grande tem sido o esforço de etnógrafos e antropólogos para buscarem as origens explicativas do porquê de a pombinha ter-se consagrado como simbolismo popular, tanto nos aspectos da sensualidade humana, como no da paz e da religiosidade. O que foi dito anteriormente é uma síntese desse esforço.

As razões apresentadas são dotadas de alguma solidez prático-teórica, e terminam por identificar a pombinha num único viés, o viés da vida. Tanto com respeito à sensualidade humana, como na simbólica do Espírito Santo.

Destaco, neste momento, como convite-chamado, o fato de que, entre 9 e 12 de setembro próximo, a UFSC, com a participação do Instituto Histórico de Santa Catarina, da Fundação Franklin Cascaes, do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, do Núcleo de Estudos Açorianos e organismos internacionais, estará sendo realizado um Congresso Internacional sobre os Impérios do Divino, onde a temática da simbólica deverá estar ricamente debatida.

É oportuno destacar que as considerações teórico-explicativas, aqui apresentadas, não estão no alcance popular. Mesmo não terá, o povo, condições de dizer e interpretar o que sente. Faz parte do seu enigmático e íntimo abstrato, e se manifesta irracionalmente. São o que podem dizer, "vontade de Deus". É a fé popular verdadeira. Mesmo, por que científicizar, eruditizar o que o povo pensa e faz? A ciência é uma tentativa, às vezes boba, de explicação do mundo empírico em que vivemos.

O que se faz, inclusive o que estou fazendo, são tentativas racionais e científicas na busca de explicar o imaginário humano. A propósito, acho que se tem dito coisas boas, e outras, nada aceitáveis. Algumas até heréticas, talvez. Vale contudo o esforço para entender tudo o que o ser humano emprega para exercitar e exteriorizar, manifestar (isto também é um esforço "litúrgico" ou, pelo menos, ritual) o seu relacionamento com Deus, o Criador.

Mas vejamos algumas considerações sobre os símbolos da Festa do Divino. Primeiramente, a Coroa. Deve ela ser de prata, e que seja encimada por um globo, sobre o qual vem a figura da pomba pousando suavemente, como no batismo de Jesus.

O globo simboliza o mundo, o globo terrestre, sobre o qual o poder, a força, a justiça e o amor de Deus descem como uma pomba, simbolizando a vida. Deus é vida, Deus é amor, Deus é justiça, e tudo nos vem pelo Espírito Santo.

A inclusão dessa visão do mundo não é tão antiga, quanto a simbólica do Espírito Santo. De fato, o conhecimento popular e generalizado da esfericidade da terra chega no século XVI, enquanto os Impérios do Divino surgem entre os séculos XIII e XIV. Nem pode ter amparo na Bíblia, muito menos. Disto infere-se que a inclusão do globo terrestre é uma introdução açoriana, e provavelmente do século XVI. É nesse período que se consolida a Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e, de lá para cá, no século XVIII.

Entre italianos, flamengos, franceses e espanhóis, que também contribuíram para a formação do açoriano, a pombinha é apresentada acima da cabeça do Arcanjo

Gabriel quando fala à Virgem, ao anunciar-lhe o mistério da Encarnação.

A partir de certa época, porém, a representação simbólica do Espírito Santo deixa de ser aquela que a Igreja admitia, para passar a ser apenas a coroa imperial que, no ponto de reunião dos braços, ou "imperiais", apresenta uma cruz ou uma esfera e uma pomba. Mais recentemente, a cruz colocada na ponta de reunião dos braços da coroa imperial desaparece, para dar lugar apenas a uma esfera onde assenta uma pomba de prata.

O Cetro, que acompanha a coroa, passa também a ter, em vez da esfera e da cruz, que habitualmente figuravam no seu extremo, uma esfera e uma pomba.

Estes novos emblemas passam a constituir, no Século XVIII, com a pomba parada ou esvoaçante, a simbólica do Espírito Santo usada nas bandeiras de cortejo, dos foliões, e ainda nas bandeiras de hastear. As primeiras são, normalmente, e pelo menos desde o século passado, de damasco vermelho, com os cantos ornamentados em tecido branco e aplicadas no pano de fundo ostentando no centro uma Coroa de grandes proporções, encimada por uma pomba, sendo estes emblemas igualmente de tecido branco e aplicados da mesma forma.

A Bandeira, quando parte em peditório, possui uma série de fitas coloridas caindo do mastro desde a esfera. Representam pagamentos de promessas e/ou pedidos de graças, e são colocadas nas casas visitadas. Existe ainda a superstição, ou crença, de que o chá feito dessas fitas tem poderes divinos.

A Salva, que é uma bandeja estilizada, com pedestal, de prata trabalhada, tem a finalidade de, durante o peditório, recolher os donativos financeiros e, na festa, transportar a Coroa e o Cetro. Durante as Novenas e a cantoria dos Foliões, os bens que são colocados em leilão depositam-se na Salva, até o momento de entregá-los ao arrematador.

Muitas são outras alfaias, que porém não são as específicas e indispensáveis, embora acrescentadas pela criatividade popular. São guiões, lanternas, flâmulas, opas, candelabros, altares, vestidos imperiais vermelhos, azuis e rosa, luzes processionais, cruzes processionais, banda de música, foguetes, fogos de artifício, bois, leilões, massa de promessa etc. etc.

Uma coisa deve ser mantida - a pombinha - a qual deverá estar gravada em tudo e em todos. E, respeitando-se ao máximo a forma tradicional, de pouso suave. Como curiosidade, registro um exemplo do desconhecimento da simbólica da pombinha do Espírito Santo: Durante a Missa Solene de comemoração dos frutuosos 25 anos do Instituto Teológico de Santa Catarina, na decoração do Templo Ecumênico da UFSC,

um adorno colocado ao lado direito do altar apresentava a pombinha e o fluxo dos Sete Dons do Espírito Santo. A pombinha, porém, estava longe da forma devida. Parecia mais um "caça Mirage" em posição de ataque, vindo de bico fino para atingir violentamente o alvo, do que o Espírito em pouso suave, justiceiro e gracioso, como o representa a simbólica tradicional...

## A MODO DE CONCLUSÃO

Percebe-se, em alguns ambientes, com a massificação da cultura e o secularismo crescente e materializante, algo como contestação à cultura popular - no caso, a açoriana em Santa Catarina - que está permeada de religiosidade e fé. Esquecem-se, ou desconhecem-se - apesar das insistências de João Paulo II e Santo Domingo por uma *Evangelização inculturada* - as verdadeiras raízes e fontes explicativas da simbologia popular do Espírito Santo, o Paráclito.

Faço votos, e assim espero, que este meu contributo reflexivo sobre a simbólica do Divino possa trazer efeitos, se não tanto práticos, mas muito mais para que se valorize a religiosidade popular, que, via de regra, sobrevive ao arrepio da moda e malgrado, cá e lá, a desaprovação ou pouca aprovação eclesial.

Seja como for, a simbólica do Divino é uma arraigada expressão da fé no Espírito Santo, tão em evidência neste penúltimo ano do Projeto Rumo ao Novo Milênio. Fé popular, com elementos folclóricos tão significativos, que merece plenamente ser valorizada e respeitada.

\* O Autor é Professor de Sociologia da UFSC aposentado e Diretor do Eco-Museu de Ribeirão da Ilha, Florianópolis

## NOTA

Sobre a mesma temática, cf artigo do Autor nesta revista, ENCONTROS TEOLÓGICOS, Florianópolis, n. 6 (1989/1), pp. 27-31, sob o título: *O Espírito Santo na religiosidade popular*

## Endereço do Autor:

Aven. Hercílio Luz, 1179/701  
88020-001 FLORIANÓPOLIS, SC